

Feldstein sugere como pagar

Washington — O chefe do conselho de economistas da Casa Branca, Martin Feldstein, propôs ontem uma nova política americana para a crise da dívida que prevê o fim das negociações anuais que os países devedores têm realizado com os seus credores desde 1982.

Feldstein disse que o atual regime de negociações deve agora ser substituído por "uma reestruturação multi-anual da dívida" em que os bancos privados continuarão concedendo novos empréstimos e parte do pagamento de juros será capitalizado se as taxas continuarem subindo.

— Chegou a hora para desenvolver uma abordagem de longo prazo para financiar as contas correntes de países individuais. Todo esforço deve ser realizado para substituir as negociações anuais por uma reestruturação multi-anual realista da dívida de cada país — afirmou Feldstein, no Conselho das Américas.

Feldstein acrescentou que as medidas sobre a dívida adotadas pelos EUA desde 1982 tiveram o objetivo de "administrar a crise", mas "agora precisa-se buscar políticas para promover o crescimento da América Latina". A proposta prevê metas quantitativas multi-anuais de déficits ou superávits em conta corrente. Essas metas, segundo Feldstein, devem ser fixadas por vários anos em negociações dos países endividados com o FMI, os bancos privados e os países credores.

Na prática, os países endividados estarão assumindo o compromisso de reservar um percentual de suas exportações para o pagamento da dívida. Os bancos privados também assumirão o compromisso de conceder novos empréstimos para possibilitar as metas planejadas para as contas correntes.

Esse é um ponto importante porque vários economistas vinham prevendo que os bancos suspenderiam todos os novos créditos se os países endividados decidissem reestruturar a dívida. Feldstein, entretanto, condiciona esse acordo à submissão dos países aos programas do FMI. Feldstein prevê que as condições da economia mundial podem mudar com o decorrer do tempo, inviabilizando o cumprimento dos compromissos assumidos pelos países endividados. No caso do aumento inesperado das taxas de juros, Feldstein recomendou uma política automática de ajustamento: os pagamentos sobre juros acima de um determinado patamar seriam capitalizados, isto é, seriam automaticamente transformados em dívidas adicionais para serem pagas mais tarde.

Feldstein observou que "um aumento significativo das taxas de juros de curto prazo estão sendo esperadas para os próximos 18 meses por participantes do mercado financeiro". Disse que uma alta superior a dois pontos percentuais sobre a **prime rate** (que ontem subiu meio ponto percentual) tornaria "insustentável" os atuais arranjos para o pagamento da dívida.

Feldstein disse que "os próximos passos" para enfrentar o problema da dívida também precisam incluir medidas para promover o aumento das exportações dos países endividados. Nesse sentido, afirmou ser imprescindível que esses países realizem desvalorizações cambiais significativamente acima das taxas de inflação. Disse, também, ser imprescindível a eliminação de subsídios às exportações, para evitar medidas protecionistas dos países industrializados.